

situações, os dados sensoriais costumam ser apresentados em separado, mas incrustados em totalidades variáveis devido a acontecimentos psíquicos. Para reflexões dessa ordem, o termo *entorno* coloca-se de forma relevante; entretanto, em cada nova esfera de aplicação precisa ser novamente determinado, já que há influência do contorno. Em outras palavras, quando se trabalha a expressão *entorno*, é preciso ter em mente a noção de limite: “em seres extensos – afirma Kant – o limite pressupõe sempre um espaço que existe além de uma certa superfície determinada e a inclui em si; o confim não implica isto, mas é uma pura negação que qualifica uma grandeza, enquanto esta não é uma totalidade absoluta e perfeita. Ora a nossa razão vê, de uma maneira ou de outra, ao seu redor, um espaço para o conhecimento das coisas em si, se bem que nunca possa ter destas conceitos determinados e se circunscreva apenas a fenômenos ¹”.

Devido à sua importância, causa estranheza a pouca atenção dada ao estudo dos entornos numa perspectiva descritiva e analítica. Existem teorias de contextos ², mas antes dos trabalhos de Coseriu não se fez um estudo sistemático dos vários entornos possíveis. Bühler (1934) estabelece três *entornos*:

a- o sinfísico (*syn*, prefixo grego que indica “união, ação conjunta” + *physiké* (grego) e *physica* (latim) = relativo à física; referente às leis da natureza; material; configuração; aspecto): caracteriza-se por ser uma espécie particular de *entorno* físico, visto tratar-se de um contorno real onde um signo lingüístico é empregado de forma definida e aderente. Um nome impresso numa mercadoria funciona de acordo com um campo de representação, ou seja, é coordenado idealmente no âmbito convencional de determinada comunidade lingüística;

b- o simprático (*sim*, equivalente de *sin* + *praktikós* (grego) e *practicu* (latim) = “relativo à prática; prescreve o que deve ser”): refere-se a uma *praxis*, isto é, quando um signo lingüístico é dito em uma determi-

1 In *Prolegômenos a Toda Metafísica Futura*, parágrafo 57; (grifos meus). O termo *confim* é usado em filosofia para designar um espaço que está além do limite. Cf. ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 2.ed., São Paulo, Mestre Jou, 1962, p. 586.

2 Ver a teoria proposta por URBAN, W. M. (1939) *Language and Reality*. Trad. espanhola de Carlos Vilejas e Jorge Portella, México, Fondo de Cultura Económica, 1952.

nada situação e a partir dela pode-se eliminar a multivocidade de sentidos, já que a própria situação orienta o sentido do elemento lingüístico;

c- o sinsemântico: (*sin* + *semantiké* (grego) = “a arte de significação”): relaciona-se ao que se chama, em geral, de contexto verbal (contexto). Todas as palavras empregadas em um texto devem estar organizadas em relação ao entorno sinsemântico, isto é, são sustentadas por um contexto. Mais uma vez Bühler se vale do contraste cromático para explicar melhor o que entende por esse tipo de entorno, dizendo que – em um quadro – o contexto de valores de imagem é a forma análoga do contexto dos signos; tanto num caso como no outro há um entorno sinsemântico.

Já Bally (1944) faz distinção entre situação – o conjunto de circunstâncias extraverbais que envolvem o discurso ou são conhecidas pelos interlocutores (tipo que corresponde ao entorno simprático de Bühler) – e **contexto** – as palavras ditas anteriormente, no mesmo discurso (espécie mais ou menos equivalente ao entorno sinsemântico de Bühler).

Em seu texto “Determinación y entorno”, publicado inicialmente como trabalho independente entre 1955-56 e, posteriormente, em 1962, como capítulo integrante da obra *Teoría del Lenguaje y Lingüística General*, Coseriu visa a conceituar *entorno*³, buscando ampliar o seu registro, isto é, distinguir uma série de entornos que normalmente são difíceis de reconhecer ou que se confundem com outros. Para isso estabelece de forma esquemática as possíveis diretrizes que podem ser apontadas no estudo sistemático de suas funções.

Os *entornos* intervêm, segundo Coseriu, em toda atividade de fala, são orientadores do discurso. Como não existe discurso que não ocorra em uma dada circunstância, com uma espécie de “pano de fundo”, os *entornos* contribuem constantemente para a efetivação do sentido, determinando o efeito pretendido pelo locutor.

Coseriu acredita ser necessário distinguir uma série muito mais ampla de *entornos*, que podem ser agrupados em quatro tipos: situação, região, contexto e universo de discurso.

3 Coseriu emprega o termo entorno no mesmo sentido usado por Bühler (1934).

Por situação, o autor entende algo muito mais limitado e menos ambíguo do que comumente se entende, isto é, apenas as circunstâncias e relações espaço-temporais criadas pelo fato de que um locutor fala com seu interlocutor sobre algo, em algum lugar, num dado momento: eu-tu-isto-aqui-agora. A situação é o “espaço-tempo” do discurso, “enquanto criado pelo próprio discurso e ordenado em relação a seu sujeito” (p.310).

Região é o termo que designa o espaço dentro de cujos limites um signo funciona em determinados sistemas de significação. Esse espaço está delimitado a três tipos: zona (limite estabelecido pela tradição lingüística), âmbito (região em que o objeto é conhecido como elemento do horizonte vital do falante) e ambiente (região estabelecida pela sociedade ou pela cultura).

Já o contexto está relacionado a toda a realidade que envolve uma atividade verbal, quer como presença física, quer como saber dos interlocutores, quer como atividade. Coseriu distingue três tipos de contexto: o contexto idiomático, o verbal e o extraverbal.

O contexto idiomático é a própria língua como contexto da atividade de fala, ou seja, como “fundo” do falar. Durante essa atividade, uma parte da língua é manifestada concretamente, mas essa parte tem significado em relação a toda a língua, isto é, a todo saber lingüístico (idiomático) do falante.

O contexto verbal é o próprio discurso enquanto *entorno* de cada uma de suas partes. Para cada porção de um discurso, constitui contexto verbal não só o dito antes, mas também o dito depois, no mesmo discurso. Esse contexto pode ser imediato – constituído pelos signos que se encontram imediatamente antes ou depois do signo considerado – ou mediato, isto é, abrange todo o discurso e pode ser denominado contexto temático.

O contexto extraverbal diz respeito ao conjunto de circunstâncias não-lingüísticas que são percebidas diretamente ou são conhecidas pelos interlocutores, isto é, tudo aquilo que física ou culturalmente envolve o ato de enunciação. Dentre tais circunstâncias, Coseriu (op. cit., p. 310 e ss.) distingue:

a- contexto físico: “abarca as coisas que estão à vista de quem fala ou as coisas a que um signo adere”;

b- contexto empírico: “é constituído pelos estados de coisas objetivos que são conhecidos por quem fala num lugar e num momento determinados, ainda que não estejam à vista”;

c- contexto natural: “é a totalidade dos contextos empíricos possíveis, isto é, o universo empírico conhecido pelos falantes”;

d- contexto prático ou ocasional: “é a particular conjuntura subjetiva ou objetiva em que ocorre o discurso”;

e- contexto histórico: “é constituído pelas circunstâncias históricas conhecidas pelos falantes”;

f- contexto cultural: “abarca tudo aquilo que pertence à tradição cultural de uma comunidade”.

O autor ressalta que todos esses contextos extraverbais podem ser criados e até mesmo modificados mediante o contexto verbal. É certo que todos esses tipos elencados contribuem de maneira decisiva para a comunicação, entretanto somente o contexto físico é um fator material, externo e descritível objetivamente. Os demais contextos correspondem, na verdade, a conceitualizações de mundo feitas pelos usuários da língua, e determinadas empírica, social e culturalmente; não são, portanto, partes do entorno, tal como foi definido anteriormente (isto é, como as coordenadas espaço-temporais que rodeiam a comunicação como ato físico). Em muitos casos, a situação espaço-temporal é um fator determinante e representa mais do que um simples cenário: as circunstâncias que impõem o aqui e o agora influem decisivamente em toda uma série de escolhas lingüísticas e ficam refletidas habitualmente na forma do enunciado enquanto tal e, outras vezes, constituem um dos pilares em que se fundamenta sua interpretação.

Quanto à designação universo de discurso, Coseriu a vê adequada para referir-se ao sistema universal de significações a que pertence um discurso e que determina sua validade e seu sentido. Assim, por exemplo,

a literatura, a mitologia, as ciências, enquanto temas ou mundos de referência da atividade verbal, constituem universos de discurso.

O que se disse é suficiente para que se possa mostrar a importância que o registro dos *entornos* e o reconhecimento de suas funções tem para a análise do texto oral. Particularmente, convém destacar o papel dos *entornos* não-verbais que, frequentemente, são ignorados, já que explicar o funcionamento da atividade conversacional é, antes de mais nada, reconstruir seus *entornos*.

2. CONTEXTO E DISCURSO COTIDIANO

O discurso cotidiano é considerado mais ou menos rotineiro, mas o tempo todo os interlocutores intercambiam significados e esse intercâmbio é um processo criador, em que a língua constitui um recurso simbólico que está a serviço do homem. É o meio pelo qual esse homem se torna um ser social – homem social na denominação de Halliday (1978) –, adquire personalidade como consequência de ser integrante de uma realidade e de desempenhar papéis sociais. Nessa perspectiva, a língua é um dos elos entre o homem e o seu meio, apresenta funções específicas que se refletem em sua estrutura lingüística; entretanto, tais estruturas só podem ser compreendidas a partir da referência a seu lugar no processo social, isto é, a seu contexto.

O contexto em que os interlocutores intercambiam significados não está desprovido de valor social. Na visão de Halliday, todo contexto verbal é uma construção semiótica, apresenta uma forma (derivada da cultura) que capacita os participantes a predizer características do registro predominante e, portanto, permite a compreensão mútua à medida que a interação prossegue.

Há uma dinâmica na relação entre língua e contexto social que se revela na dupla função do sistema lingüístico: de um lado tem-se a expressão de processos sociais e de outro, a metáfora para esses processos.

Essa dinamicidade estabelece a garantia de que nos micro-encontros da vida cotidiana, em que se intercambiam significados, a língua não sirva apenas para facilitar e apoiar outros modos de ação social que constituem um *entorno*, mas também crie ativamente um *entorno* próprio, possibilitando assim todos os modos de significação imaginativo, desde o jogo de subentendidos presente numa conversação espontânea, passando pela ironia do discurso humorístico ou pela persuasão do discurso político, até chegar – por exemplo – à ficção literária e suas várias formas de representação.

Para explicitar melhor o caráter dinâmico da relação existente entre língua e contexto, nada melhor do que recorrer mais uma vez as palavras de Halliday (1978: 3):

“O contexto intervém na determinação do que dizemos, e o que dizemos intervém na determinação do contexto. À medida que aprendemos a significar, aprendemos a predizer um a partir do outro”.

O conceito de contexto de situação foi proposto, originalmente, por Malinowski, em 1923, e desenvolvido, posteriormente, por J. R. Firth, em 1950, no trabalho “Personality and Language in Society”. Em sua essência, os dois pesquisadores trabalham com a noção segundo a qual a linguagem somente emerge à existência quando funciona em algum meio. O homem não experimenta a linguagem em seu isolamento, mas sempre em relação a alguma situação, isto é, cenário, pessoas, atos e acontecimentos dos quais o dito deriva seu significado.

A noção de situação não se refere a todas as porções do *entorno* material, mas diz respeito somente àquelas características que são pertinentes ao discurso que está sendo produzido. Essas características podem ser concretas e imediatas, como as que ocorrem nas falas produzidas por crianças – falas extremamente pragmáticas, relacionadas diretamente com o *entorno* –, mas podem ser totalmente abstratas e remotas, como as que se observam num discurso técnico entre especialistas, cuja situação inclui o tópico particular que tratam de resolver, além de sua própria capacidade

e experiência, porém o *entorno* imediato de objetos e acontecimentos provavelmente não contém nada de relevante.

Em suas primeiras experiências com a atividade verbal, a criança mantém as funções da linguagem claramente separadas. Ao falar, faz somente uma coisa de cada vez: pedir um brinquedo, responder a uma saudação, expressar interesse sobre algo etc.; entretanto, quando começa a aprender a sua língua materna, os contextos de situação em que a utiliza já são complexos e multifacetados, isto é, os diversos fios de significado do tecido textual intervêm simultaneamente.

Esse aspecto é um reflexo dos contextos de situação em que a linguagem é empregada e dos modos por meio dos quais um tipo de situação lingüística pode diferir de outro. Em geral, os tipos de situação lingüística diferem entre si devido a três variáveis: o que realmente ocorre (campo), quem participa (teor) e as funções que a linguagem desempenha (modo). Conjuntamente, tais variáveis determinam o registro, ou seja, o espectro dentro do qual são selecionados os significados e as formas utilizadas para a expressão do significado pretendido. Em outras palavras, a noção de registro refere-se ao fato de que a língua que usamos varia conforme o tipo de situação.

Para Halliday, as categorias de campo, teor e modo devem ser consideradas num nível mais abstrato. São determinantes do texto, mais do que meros componentes, ou seja, são uma estrutura conceitual representativa do contexto social como entorno semiótico.

A linguagem do adulto é – na perspectiva de Halliday (1978) e Halliday e Hasan (1989) – um conjunto de recursos de comportamento social contextualizados, um “potencial de significado” (*meaning potential*) ligado a situações de uso. É, portanto, a habilidade que o homem possui de “significar” nos diferentes tipos de situação ou contexto sociais que são gerados pela cultura.

Os interlocutores são sensíveis ao contexto: quando o falante identifica referências geográficas ou pessoais, revela alguns dos princípios gerais em que se apóia no momento da produção textual. O ouvinte, por sua

vez, compreende as pistas deixadas no discurso, isto é, as marcas vinculadas à identificação dos referentes de lugar, de pessoa etc.

O falante seleciona o foco de informação apropriado, distribuindo os significados do texto em informação dada (recuperável por seu interlocutor) e informação nova (irrecuperável). Entretanto, o falante pode equivocar-se ao selecionar as coordenadas apropriadas e seu grau de exatidão ao especificar onde estão as coisas e aquela informação que ele considera recuperável não se efetivar devido a uma “falha” na informação. Por outro lado, esse mesmo falante pode optar por equivocar-se, ou seja, selecionar uma configuração textual que viole as restrições situacionais-contextuais, buscando um efeito comunicativo específico.

Cabe ao ouvinte derivar a situação a partir do texto, preenchendo a informação que falta. Sabe-se que ele é capaz de tal atividade porque é um participante da interação social que está sendo desenvolvida, ainda que fosse um mero observador teria condições de predizer o texto a partir da situação discursiva devido às pistas deixadas pelo falante.

3. TEXTO, CONTEXTO E INTERAÇÃO SOCIAL

O termo texto é definido como atividade lingüística de interação social, visto que se constrói a partir de uma progressão contínua de significados que se combinam tanto simultaneamente como em sucessão. Esse significado é decorrente de uma seleção feita pelo locutor entre as várias opções que constituem o potencial de significado. O texto é, portanto, a realização desse potencial de significado, é o resultado de um processo de escolha semântica.

Se o texto é o produto de uma quantidade infinita de opções simultâneas e sucessivas de significado, que se realiza como estrutura lingüístico-discursiva, o *entorno* do texto é o contexto de situação (tipo de contexto social ou tipo de situação). Este define-se como construção semiótica estruturada em campo, teor e modo. As variáveis situacionais estão vincu-

ladas aos componentes do sistema semântico: ideacional, interpessoal e textual, respectivamente. Assim, cada um dos traços situacionais exige uma rede de opções do campo semântico correspondente: numa situação particular, a estrutura em termos de campo, teor e modo determina a configuração semântica ou registro.

Para Halliday, o contexto de situação inclui o contexto semântico e essa é a razão pela qual o autor o considera uma construção semiótica. De modo geral, esse contexto é constante para o texto, mas – efetivamente – está em incessante mudança e cada parte serve como entorno para a parte seguinte. Por esse motivo, o traço essencial do texto é a **interação**: intercâmbio de significados. Em outras palavras, o texto é uma unidade semântica que possui uma estrutura genérica, apresenta coesão/coerência e constitui o seu próprio *entorno*. Entretanto, há uma indeterminação básica no conceito de texto. Na interação humana, o texto não é algo que tenha um princípio e um fim, o intercâmbio de significados é um processo contínuo e implícito em toda atividade comunicativa. Não é desestruturado, mas verifica-se que há alterações: momentos de grande coesão são, às vezes, seguidos por momentos de continuidade relativamente escassa. Por texto, então, entende-se um processo contínuo de escolha semântica que resulta num produto de seu *entorno* e que nele encontra seu funcionamento.

A conversação é uma atividade linguística que implica uma relação entre dois sentidos. De um lado, o significado textual se retroalimenta em direção à situação, transformando-a durante o processo discursivo. De outro, o significado textual se retroalimenta por intermédio do registro, alterando o sistema semântico (constituído pelos componentes ideacional, interpessoal e textual) e revelando as configurações semânticas relativas à interação social e às relações de papéis entre os participantes. Neste momento cabe uma indagação: Como se chega da situação ao texto? Que características do *entorno* permitem as opções feitas pelo usuário? Para que se possa encontrar uma resposta adequada, deve-se observar o modo como o texto está vinculado à situação. Para tanto, é preciso especificar

que aspectos do contexto de situação “regem” cada uma das escolhas semânticas feitas pelos participantes da atividade conversacional. Em outras palavras, quais são os fatores situacionais para cada um dos componentes do significado, mediante os quais esse significado é ativado? A resposta está na caracterização apropriada do contexto de situação, caracterização essa que pode revelar a relação sistemática entre a linguagem e o *entorno*. Isso implica uma construção teórica que possa vincular, simultaneamente, a situação ao texto, ao sistema lingüístico e ao sistema social. Nessa perspectiva, Halliday (1978) e Halliday e Hasan (1989) interpretam a situação como uma estrutura semiótica, ou seja, uma dada situação é observada como um tipo de situação social e não como uma situação particular única.

Para Halliday a situação consiste em ação social, estrutura de papéis e organização simbólica. É uma ação social, na medida em que há uma atividade em andamento, cuja interação entre os participantes é a totalidade dessa ação social. Apresenta um significado reconhecível no sistema social, e em tais ações o texto desempenha um papel determinado, incluindo o “assunto” como um aspecto especial. Expõe uma estrutura de papéis que diz respeito à relação estabelecida entre os participantes da atividade, relação essa que pode apresentar atributos permanentes dos participantes ou vinculação de papéis específicos para a situação, inclusive os papéis verbais, aqueles que emergem mediante o intercâmbio de significados verbais. É uma organização simbólica porque o texto adquire uma posição particular dentro da situação: desempenha uma função dentro da ação social e a estrutura de papéis, incluindo o canal ou meio e o modo retórico.

Na verdade, essa explicação que Halliday apresenta para a situação complementa-se com os três aspectos designados por ele de campo, teor e modo. Em síntese, o *entorno* ou contexto social da linguagem estrutura-se como um campo de ação social significativa, um teor de relação de papéis e um modo de organização simbólica. Se considerados conjuntamente, essas categorias constituem a situação ou contexto de situação de um texto.

O contexto de situação é o *entorno* imediato no qual o texto realmente funciona. A partir desse elo estreito entre texto e contexto, o usuário da língua (leitor / ouvinte) faz predições, lê ou ouve com expectativas do que virá em seguida. O texto é, portanto, um evento interativo, uma troca social de significados e tal troca se torna mais evidente na conversação espontânea, visto tratar-se de um tipo de texto em que as pessoas exploram todos os recursos da língua, e por ser um tipo de situação em que se pode improvisar, inovar e onde as mudanças no sistema acontecem. Assim, o contexto de situação em que o texto conversacional se efetiva está evidenciado no próprio texto, não de uma forma mecânica, mas por meio de um relacionamento sistemático entre o meio social, de um lado e a organização funcional da língua, de outro.

Após a observação dos elementos que compõem o contexto de situação (campo, teor e modo) e como são fundamentais para o estudo da estrutura textual, é necessário caminhar um pouco mais no que diz respeito ao contexto não-verbal e analisar a inter-relação dos diferentes tipos de contexto que intervêm na construção do significado comunicativo de interações cotidianas que apresentam digressão⁴.

Ibañez (1990: 8 e ss.) parte da dicotomia básica – contexto verbal (co-texto) e não-verbal – para estabelecer os diferentes sistemas contextuais e propor um estudo do contexto não-verbal em quatro tipos estruturalmente relacionados e interdependentes:

a- contexto situacional: pode ser definido como todos os fatores percebidos, de modo imediato, pelo interlocutor, consciente ou inconscientemente, na interação social. Tais fatores são: os participantes e o quadro espaço-temporal. Pode ser denominado situação comunicativa ou apenas situação;

b- contexto cultural: é o código resultante de uma experiência social comum de uma certa comunidade. Constitui-se de dois subsistemas:

⁴ Este assunto foi tratado por ANDRADE, M. L. C. V. O. (1995) *Digressão: uma estratégia na condução do jogo textual-interativo*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.

i- convencional: experiência coletiva, isto é, o conjunto de regras prescritivas que regem a conduta dos participantes na interação;

ii- conotativo: experiência individual, ou seja, é constituído pelo subsistema de associações codificadas (sociais) de caráter estável, em oposição às associações codificadas de caráter transitório (referente ao contexto de conhecimento de mundo) e às associações privadas (relacionadas ao contexto biográfico individual);

c- contexto de conhecimento de mundo: é o conjunto de informação necessária sobre o meio ambiente e o meio social. Serve para determinar o tipo de texto e o efeito de sentido pretendido e contém informações que podem ser representadas como proposições referentes a estados de coisas da realidade social atual;

d- contexto biográfico individual: é o resultado da quadro biográfico do indivíduo. Tal quadro pode ser definido como “adição cronológica das vivências”. Vivência, por sua vez, diz respeito ao “processo e ao resultado da percepção de eventos”.

Segundo Ibañez (1993), o conceito de percepção tem um papel fundamental na definição do contexto biográfico e no situacional, já que a percepção da situação comunicativa é uma das determinantes na constituição do significado de um texto. Assim, numa dada situação, o indivíduo percebe somente o que necessita, no momento em questão, de sua biografia. A percepção dos eventos é controlada pela resultante do quadro biográfico. Essa resultante se forma a partir da junção do código de percepção (como se percebe) e o campo de percepção (o que se percebe).

O autor afirma que texto e contexto se determinam mutuamente; entretanto, esta concepção da relação significativa não é considerada totalmente simétrica no que se refere à reconstrução que se pode fazer do texto a partir do contexto e vice-versa.

Após a análise dos vários contextos feita por Ibañez, torna-se necessário observar, atentamente, como esse autor estabelece uma relação de interdependência entre tais contextos. Na verdade, essa leitura é apenas

um caminho para elucidar que elementos contextuais interagem durante a produção (elaboração/efetivação) de um texto.

Para poder processar o seu texto, o interlocutor ativa sua percepção em relação à situação comunicativa. Esta, por sua vez, é acionada a partir de um conjunto pertinente de instruções para a conduta verbal na referida situação. Verifica-se, assim, que o contexto situacional determina as condições pragmáticas vigentes durante a interação verbal. Em outras palavras, o contexto situacional é a construção cognitiva (ou quadro) que o falante faz da situação comunicativa.

A percepção da situação ocupa um lugar especial nesse contexto. O falante percebe somente aqueles elementos da realidade circundante que considera relevantes para o desenvolvimento da interação. Assim, pode-se asseverar que o contexto situacional é uma criação individual. Mas para que esta criação se efetive os demais contextos (cultural, biográfico individual e conhecimento de mundo) são acionados.

Na construção de um texto em que se instaura uma digressão (tipo de movimento tópico que suspende momentaneamente o tópico discursivo prévio, instaurando um outro domínio de relevância), verifica-se que o falante traz para o contexto situacional algo que é próprio do contexto biográfico e/ou do contexto de conhecimento de mundo, ou seja, trata de influenciar a constituição do contexto situacional no outro interactante, em função de suas metas comunicativas, criando uma *digressão lógico-experiencial*, visto que o foco da cena discursiva é direcionado para um propósito de natureza pessoal. Neste caso, há negociação individual ou negociação de contexto em função do quadro de relevâncias que se estabelece na interação. Veja-se o trecho a seguir:

- (1) L2 ... quando você estava falando de:... agora ser mais fácil... é:... porque os mecanismos assim são mais perigo: :sos... mecanismos assim... que nem você falou entre carro e cavalo o ca/ o carro é mais perigoso... mas aí eu não sei eu estava pensando... um livro que eu li há pouco tempo... que é sobre... pega toda a história da feitiçaria na Idade Média... como surgiu e tal... e os nego...

os nego assim sabe? você vê altos magistra::dos... em relatórios
... orgulhosos de terem queimado duas mil feitiçeras num dia...
quer dizer na época aquilo tinha virado terror... que era só dizer
“olha fulana olhou::... tinha um gato preto perto dela... e ela olho
meio assim... no dia seguinte beltrano morreu” né? ... qualquer
um ia para a fogueira mesmo né?...

L1 é pode ser que tenha um mecanismo de compensação...

(SP D2 343: 1388-1402, p. 51)

Nesse trecho, os locutores desenvolvem o tópico relativo a mecanismos de compensação existentes na nossa civilização, quando L2 faz uso de uma digressão referente ao livro sobre feitiçaria para exemplificar como esse mecanismo entra em funcionamento.

Por sua vez, o falante pode evidenciar no contexto situacional elementos do contexto cultural, já que se tornam relevantes, motivacionalmente, elementos externos ou regras de conduta da atividade social, estabelecendo uma *digressão interpessoal*.

(2) L2 então eu pensei que ela fosse ter dificuldades na escola... por causa disso mas não não tem gosta muito... ()

L1 ela se sente bem?

L2 ela se sente bem:: se sente par::te... e não fala...

L ()

L2 devia ter () dificuldade mas não tem não... () não obrigado... ()

L1 ainda não deu para...

(SP D2 360: 407-415, p. 146)

L2 está desenvolvendo o tópico relativo a adaptação da filha à escola, mas interrompe o que estava dizendo para agradecer, possivelmente, o oferecimento de água ou café. A seguir, L1 diz alguma coisa, mas é uma fala indefinida (“ainda não deu para...”), talvez referindo-se ao fato de que a conversa começou faz pouco tempo e ainda não deu para sentir sede ou cansar.

Por fim, o falante pode estabelecer um vínculo de pertinência textual, ou seja, contribuir para a textura da produção linguística, instaurando no contexto situacional elementos relevantes por seu caráter

metalingüístico, isto é, traços referentes ao contexto cultural, biográfico individual ou de conhecimento de mundo. Neste caso, tem-se uma *digressão retórica* como se pode notar nos exemplos colocados a seguir:

(3) Doc. existe por exemplo:: proveito digamos monetário para ela ou não?

L2 que que você vê esse pessoal de teatro... para mim é:: é a classe mais sofrida que tem... entende? para mim ele esses daí ... se dedicam entende? EU acho esse é o meu ponto de vista eles... investimento deles... é como você jogar na Bolsa talvez pior até entende?... o:: rapaz aí o Altair Lima que montou Hair ele levantou uma nota ... ele... agora... **you pergunta assim o artista ou você perguntaria o produtor?**

Doc **não mas... em geral tudo... então se você quisesse falar se você faz hum distinção você pode falar dos dois (no caso)...**

L2 você vê o:: o:: o Altair Lima ele é... arriscou está certo... ele arriscou ele... pôs tudo:: segundo declaração dele não sei se são demagógicas ou não ele pôs ... tudo que ele tinha na na montagem da peça Hair...

(SP D2 62: 1277-1293, p. 91)

A pergunta feita pelo documentador foi imediatamente respondida por L2, mas no decorrer de sua exposição o falante faz uma pausa e, após usar o marcador *agora*, solicita um esclarecimento, já que se referiu ao pessoal de teatro de forma genérica.

As digressões podem ser definidas como uma estratégia por meio da qual os interlocutores conduzem o texto falado, manifestando na materialidade lingüística o quadro de relevância acionado na situação enunciativa. O deslocamento e conseqüente focalização de um novo ponto no domínio de relevância se instaura a partir da percepção de um dos participantes e se efetiva por meio de marcas formas que apontam para algo que estava no entorno e que agora foi inserido no contexto situacional.

A situação comunicativa não é estática, tendo, como propriedade fundamental de sua natureza, o caráter dinâmico, isto é, os elementos que caracterizam a situação não são idênticos no tempo, mas se modificam durante a atividade conversacional. Van Dijk (1984:274) afirma que um contexto é um “transcurso de acontecimentos” e é definido por um conjunto ordenado de pares – “aqui-agora”, visto que se transforma a todo

momento. Durante a interação, os interlocutores empregam conhecimentos contextuais e tais conhecimentos dependem da constituição do contexto situacional. Este é visto como a forma segundo a qual o falante “percebe a atividade comunicativa” (Ibañez, 1993:4).

Concluindo, pode-se dizer que para a construção do significado comunicativo de interações verbais contendo digressões torna-se fundamental a observação do contexto situacional e que elementos dos demais contextos (cultural, biográfico individual, conhecimento de mundo) afloram, determinando a configuração contextual e as condições pragmáticas vigentes durante a interação. Assim, o contexto manifesta-se através de uma forma de relevância (central, marginal, motivacional ou metalingüística) que envolve a atividade conversacional quer como presença, quer como saber dos interlocutores.

ABSTRACT: In this paper, the purpose is to present a theoretical referential about verbal and non-verbal context, within the framework of the functioning and the interrelation between the different kinds of context that to integrate the construction of communicative meaning of the casual conversation containing digression.

KEYWORDS: context; environment; relevance; contextual configuration; digression.

BIBLIOGRAFIA

- BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique française*. 2. ed., Paris, Berne, 1944.
- BÜHLER, K. *Sprachtheorie*, 1934. tradução espanhola: *Teoría del lenguaje*, por Julián Marías. 2.ed., Madrid, Revista del Occidente, 1961.
- COSERIU, E. “Determinación y entorno”. In: *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid, Gredos, 1962, p. 282-323.
- HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic. The social interpretation of language and meaning*. London, Edward Arnold, 1978.

ANDRADE, Maria Lúcia da C. V. de Oliveira. *Contexto e funcionamento do discurso oral*.

HALLIDAY, M. A. K. e HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Series Editor: Frances Christie, Oxford, Oxford University Press, 1989.

IBAÑEZ, R. "El contexto del evento verbal". Trabalho apresentado no IX Congresso Internacional da ALFAL, Campinas (Brasil), de 6 a 10 de agosto de 1990, pp. 21 (a publicar).

IBAÑEZ, R. "Percepción y comunicación", trabalho apresentado no X Congresso Internacional da ALFAL, Veracruz (México), de 11 a 16 de abril de 1993 e publicado em 1996, p. 458-463.

VAN DIJK, T. *Texto y contexto*. 2. ed., Madrid, Cátedra, 1984.